



ISSN: 2230-9926

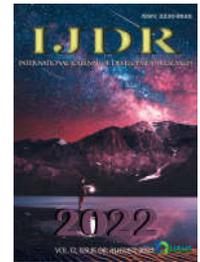
Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 08, pp. 58166-58170, August, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.25038.08.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## O USO DE PLANTAS MEDICINAIS PELOS USUÁRIOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: CONHECER PARA MELHOR UTILIZAR

Francisco Socorro Rocha<sup>1</sup>, Poliana Moreira Sousa Rocha<sup>2</sup>, Francisco Marcos de Lima Messias<sup>3</sup>, Maria Irismar de Almeida<sup>4</sup>, Geanne Maria Costa Torres<sup>5</sup>, Leilany Dantas Varela<sup>6</sup>, Inês Dolores Teles Figueiredo<sup>7</sup> and José Auricélio Bernardo Cândido<sup>7\*</sup>

<sup>1</sup>Graduando em Medicina. Universidade Estadual do Ceará, (UECE). Fortaleza, Ceará, Brasil; <sup>2</sup>Graduanda em Pedagogia. Universidade Federal do Ceará, (UFC). Fortaleza, Ceará, Brasil; <sup>3</sup>Enfermeiro da Estratégia Saúde da Família. Prefeitura Municipal de Fortaleza, Ceará, Brasil. <sup>4</sup>Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto da Universidade Estadual do Ceará, (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil; <sup>5</sup>Enfermeira. Doutoranda em Saúde da Família, Universidade Estadual do Ceará, (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil; <sup>6</sup>Enfermeira. Doutoranda em Saúde da Família. Professora da Faculdade Paraíso do Ceará. Universidade Regional do Cariri, (URCA), Crato, Ceará, Brasil; <sup>7</sup>Enfermeira, Doutoranda em Saúde Coletiva. Professora da Universidade Regional do Cariri, (URCA), Crato, Ceará, Brasil; <sup>8</sup>Enfermeiro. Doutorando em Saúde da Família. Universidade Regional do Cariri, (URCA), Crato, Ceará, Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 27<sup>th</sup> June, 2022

Received in revised form

10<sup>th</sup> July, 2022

Accepted 19<sup>th</sup> July, 2022

Published online 27<sup>th</sup> August, 2022

#### Key Words:

Plantas Medicinais; Fitoterapia; Atenção Primária em Saúde;

#### \*Corresponding author:

José Auricélio Bernardo Cândido

### ABSTRACT

A utilização de plantas medicinais e da fitoterapia nos territórios da vem contribuindo para a qualidade de vida e bem-estar da população. o objetivo deste estudo foi identificar o conhecimento sobre o uso de plantas medicinais pelos usuários atendidos em uma Unidade de Atenção Primária à Saúde do município de Fortaleza, Ceará. Estudo exploratório, descritivo com abordagem quantitativa, realizado no período de agosto a setembro de 2021. Para a coleta de dados, utilizou-se um formulário com perguntas abertas e fechadas com 130 usuários. Fez-se a análise dos dados de forma descritiva, utilizando-se as frequências absolutas e percentuais. Dos 130 participantes, a maioria n=114 (87,6%) era do sexo feminino, na faixa etária variando entre os 50 e 65 anos de idade, com média de 57 anos. Houve citação de 67 plantas medicinais prevalecendo o boldo, o capim santo e a erva-doce e a camomila. O estudo concluiu que os usuários conhecem o uso das plantas medicinais, principalmente na faixa etária dos mais idosos, utilizam frequentemente onde prevalece a cultura familiar, o uso dos chás, sucos, lambedores e fazem sua aquisição em supermercados porém demonstram pouco conhecimento em relação ao tipo e utilização adequada das plantas e fitoterápicos.

Copyright © 2022, Francisco Socorro Rocha et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Francisco Socorro Rocha, Poliana Moreira Sousa Rocha, Francisco Marcos de Lima Messias, Maria Irismar de Almeida, Geanne Maria Costa Torres, Leilany Dantas Varela, Inês Dolores Teles Figueiredo and José Auricélio Bernardo Cândido, 2022. "O uso de plantas medicinais pelos usuários na atenção primária à saúde: conhecer para melhor utilizar", *International Journal of Development Research*, 12, (08), 58166-58170.

## INTRODUCTION

As plantas medicinais vêm sendo utilizadas pela humanidade desde a pré-história e está relacionada a lendas, magias e rituais (Vieira & Lucas, 2018). Há registros escritos de 2838-2698 a.C, onde foram citadas 365 ervas medicinais e venenos, pelo imperador chinês Shen Nong, sendo organizado um catálogo que fazia uma separação das ervas em dois polos antagônicos que representavam o *yang* – luz, céu, calor, esquerdo; e o *yin* – trevas, terra, frio, direito (Portelinha, et al. 2017). No Brasil desde a década de 1970, com a realização da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, realizada em 1978, incentivou-se a valorização das terapias

tradicionais, entre elas a fitoterapia, por ser uma terapia de baixo custo, utilização de poucos recursos e economicamente viável, a fim de aumentar a cobertura de Atenção Primária à Saúde (APS) (Organização Panamericana de Saúde, 1978). Nesse contexto, o Ministério da Saúde tem fomentado o uso de plantas medicinais e de fitoterápicos e em 2006, publicou a Portaria nº 971 (Brasil, 2006), que tem como sugestão terapêutica no Sistema Único de Saúde (SUS) a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), que integra as plantas medicinais, a fitoterapia, a homeopatia, entre outras práticas (Moebus & Merhy, 2017; Virgínio, et al. 2018). No Estado do Ceará, em 1983, por meio do Projeto Farmácias Vivas, idealizado pelo Professor Francisco José de Abreu Matos, catalogou inúmeras plantas medicinais de costume e saberes popular que, depois de pesquisadas, representou o grupo de plantas do

Programa Farmácia Viva (Bonfim, Bandeira, Brasil & Magalhães, 2018). Atualmente, o Programa Estadual de Fitoterapia é desenvolvido pelo Núcleo de Fitoterápicos (NUFITO), da Coordenadoria de Assistência Farmacêutica da Secretaria da Saúde do Estado do Ceará. Desta forma, o governo do Estado do Ceará publica a política de implantação da fitoterapia em saúde pública no Estado por meio do Decreto nº. 30.016, de 30 de dezembro de 2009, que regulamentava a Lei Estadual nº. 12.951, de 7 de outubro de 1999 onde o Estado autoriza o incentivo à pesquisa e à produção de produtos fitoterápicos, com o objetivo de facultar ao SUS, o uso de tais medicamentos na prevenção, no diagnóstico e no tratamento de enfermidades específicas (Ceará, 1999). O Ministério da Saúde por meio da Portaria Interministerial nº 2.960, de 09 de dezembro de 2008: aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e cria o Comitê Nacional de Plantas e Fitoterápicos (Brasil, 2008). Assim sendo, ocorreu um avanço nas pesquisas no que concerne às plantas medicinais e suas propriedades fitoterápicas no tratamento das comorbidades. Além disso, com a biodiversidade apresentada no Brasil visto ser um país tropical, aliada ao processo cultural em que há uma preservação dos saberes populares no que tange o uso das plantas medicinais são fatores que corroboram para o sucesso do programa (Brito, 2013).

Diante disso, percebe-se uma utilização cada vez maior de fitoterapia nas práticas integrativas e complementares em vários países. No Brasil, a grande diversidade de plantas associado ao baixo custo e a facilidade da prática terapêutica facilita a sua implementação e fomenta o aumento da utilização de fitoterápicos por usuários do SUS e boa aceitabilidade pelos profissionais da APS (Magalhães, 2020). Apesar das iniciativas oficiais para apoiar a fitoterapia na APS, ainda se evidencia precariedade no Brasil, principalmente, pela falta de profissionais especializados nessa prática para concretizar sua implantação e estruturação nos serviços de saúde (Cortez & Jeukens, 2017). Diante disso, torna-se valioso o conhecimento dos profissionais sobre esta prática e sua ação terapêutica para atender, orientar e cuidar, adequadamente, dos usuários do serviço. Devido à magnitude que representa a utilização de plantas medicinais e da fitoterapia nos territórios da APS pelas suas potencialidades na cultura, saúde e alimentação, contribuindo na qualidade de vida e bem-estar da população, justifica-se o interesse na abordagem dessa temática, pois sua valorização e implementação ampliam a prática de cuidados. Partindo desse pressuposto, a relevância desse estudo está em averiguar o uso de plantas medicinais e o grau de conhecimento dos usuários atendidos na APS, tendo em vista que conhecê-las, de forma adequada, permite processá-las, armazená-las e prepará-las para o consumo correto, de acordo com suas indicações, evitando, assim, prejuízos à saúde e intoxicações. A partir deste contexto surge o seguinte questionamento: os usuários do SUS conhecem o uso das plantas medicinais para tratar as doenças? O presente estudo teve como objetivo identificar o conhecimento sobre o uso de plantas medicinais pelos usuários atendidos em uma Unidade de Atenção Primária à Saúde (UAPS) do município de Fortaleza, Ceará.

município de Fortaleza possui 119 bairros e divide-se, administrativamente, em 12 Secretarias Executivas Regionais (SER) cada qual responsável por um Distrito de Saúde. A UAPS escolhida atende três bairros com uma população estimada em 28.972 habitantes e oferece diversos serviços de saúde. Além disso, é um centro de formação multiprofissional da área da saúde como a Residência Médica em Saúde da Família e Comunidade, Pediatria, e Enfermagem Obstétrica. Na unidade, o Programa Farmácia Viva está em processo de implantação com o objetivo de distribuir mudas de plantas medicinais para os usuários residentes na área com vistas a sua utilização. Para a coleta de dados, utilizou-se um formulário com perguntas abertas e fechadas junto aos usuários com consultas agendadas na UAPS, sendo realizadas visitas na unidade para sua aplicação. Para obtenção da amostra, empregou-se a técnica de amostragem não probabilística intencional (Paula, 2019). Participaram da pesquisa 130 usuários selecionados pelos seguintes critérios de inclusão: terem acima de 18 anos e serem residentes na área de abrangência da unidade de saúde. Como critérios de exclusão não participaram da pesquisas as pessoas que tivessem déficit cognitivo. Os dados foram tabulados com dupla digitação em planilha do programa *Microsoft® Excel* e exportados ao *software Statistica I Package for Social Sciences (SPSS)*, versão 22.0, para processamento. Em seguida, fez-se a análise dos dados de forma descritiva, utilizando-se as frequências absolutas e percentuais. A pesquisa obedeceu aos preceitos éticos estabelecidos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, 2012); protocolo exigido pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual Ceará [CAAE Nº 45266121.1.0000.5534] com parecer de número 4.837.076 aprovado em 09 de julho de 2021..

## RESULTADOS

Dos 130 participantes, a maioria n=114 (87,6%) eram do sexo feminino, na faixa etária variando entre os 50 e 65 anos de idade, com média de 57 anos. Em relação ao uso de plantas medicinais no cotidiano, n=128 (98,5%) dos participantes confirmaram esta prática, apresentando, estatisticamente, valores significativos na utilização de fitoterápicos, havendo 978 citações dentre as 67 plantas medicinais mencionadas para cuidar da saúde, prevalecendo o Boldo n=8 (11,2%), Capim-santo n=7 (10,9%), Erva-doce n=7 (9,9%), Camomila n=6 (9,8%), Hortelã n=6 (9,7%), Romã n=5 (7,1%), Mastruz n=5 (6,9%), Maracujá n=4 (6%), Malva-Santa n=4 (4,8%), Macela n=3 (4,3%), Goiaba n=2 (3,5%), Cidreira n=2 (3,5%), Copaíba n=1 (2,2%). As demais, em conjunto, somaram n=7 (10,2%). Nessa pesquisa, depreenderam-se diversos sintomas autoreferidos associados às plantas medicinais e a finalidade do seu uso terapêutico, demonstrados no Quadro 1. Entre as 67 plantas mencionadas no cotidiano dos usuários, houve 224 referências às partes mais utilizadas para o preparo do consumo, tendo maiores frequências as folhas n=119 (53,1%), seguidas das sementes n=35 (15,6%), fruto

**Quadro 1. Caracterização das plantas medicinais, seus nomes científicos e os sintomas autoreferidos pelos participantes da pesquisa. Fortaleza, Ceará, 2021**

Planta Medicinal	Nome Científico	Sintomas autoreferidos
Boldo	<i>Peumusboldus</i>	Empachamento
Camomila	<i>MatricariachamomillaLinnaeus</i>	Calmante, Ansiedade
Capim-santo	<i>Cymbopogocitratus</i>	Ansiedade, estresse
Goiaba	<i>PsidiumguajavaLinnaeus</i>	Diarréia, náusea e vomito
Macela	<i>Egletes viscosa</i>	Dor de barriga
Mastruz	<i>Dysphaniaambrosioides</i>	Gripe, dor de garganta, fratura, tuberculose, febre reumática, bronquite, verminoses, etc.
Hortelã	<i>Menthaspicata</i>	Problemas digestivos, flatulências, dispepsias, palpitações e tremores nervosos, vômitos, cólicas uterinas, etc
Erva-doce	<i>Foeniculumvulgare Mill. ou Pimpinellaanisum</i>	Dor de cabeça, má digestão, cólica e prisão de ventre

Fonte: própria pesquisa.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo com abordagem quantitativa, realizado com os usuários de uma UAPS, no município de Fortaleza, Ceará, no período de agosto a setembro de 2021. O

n=21 (9,4%), raiz n=19 (8,48%) e outras partes como caule e flores, correspondente a n=30 (13,42%) citações. Das plantas medicinais referidas, evidenciaram-se 220 relatos sobre as suas preparações caseiras, destacando com maiores frequências chás n=126 (57,3%), lambedores n=54 (24,5%) e sucos n=24 (10,5%), em especial,

maracujá pela ação calmante. Ademais, as menções sobre cataplasma, óleos, banhos, garrafadas, inalações, ingestão de partes da planta e compressas, somados, perfazem um total de n=17 (7,7%). Considerando tais particularidades, os chás são destinados com mais prevalência para as infusões, n=30 (51,35%) e decocções com n=36 (65%), representando 65% do total de fitoterápicos. No questionamento sobre a forma de obtenção das plantas medicinais, identificaram-se 172 citações com predomínio das frequências a compra no supermercado n=89 (51,8%) e o cultivo próprio n=50 (29,1%). Relatou-se, ainda, a aquisição em feiras livres n=16 (9,4%), vizinhos n=9 (5,2%) e outros (farmácias, lojas de produtos naturais, raizeiros), n=8 (4,5%). Quanto ao conhecimento adquirido sobre as plantas medicinais, das 195 citações, obteve-se com maior frequência a tradição familiar com n=117 (60,2%), internet n=28 (14,4%), vizinhos n=23 (11,8%) e livros n=14 (7,2%). Ademais, outras formas de adquirir conhecimentos somaram n=13 (6,6%), destacando-se programas de televisão, farmacêuticos, nutricionistas e consultas médicas. Em relação às pessoas que não utilizavam as plantas medicinais, apenas dois participantes, ao serem abordadas sobre o motivo de não fazerem uso de tais práticas, revelaram a “falta de conhecimento” e o “não gostar de utilizar plantas medicinais para tratamento”. No entanto, ao serem indagados sobre a prescrição e orientação dessas plantas por profissionais de saúde para algum tratamento, responderam que utilizariam porque “era remédio” ou “se fosse para passar a dor”.

## DISCUSSÃO

Nas relações entre sexo, faixa etária, escolaridade e uso de plantas medicinais, depreendeu-se que os usuários fazem grande parte do uso desses fitoterápicos, como Boldo, Capim-santo, Erva-doce, Camomila, Hortelã, dentre outros para cuidar da saúde, corroborando com as pesquisas de outros estudiosos que reiteram a prevalência de uso de plantas medicinais em pessoas do sexo feminino, com baixa renda e escolaridade, mas com idades inferiores a 40 anos (Moraes, Mezzomo & Oliveira, 2018). Estudo realizado com idosos no Paraná evidenciou que 72,2% dos entrevistados utilizavam plantas medicinais e destacaram o Boldo, a Cidreira, a Hortelã e o Alecrim como as principais plantas utilizadas no seu cotidiano (Szerwieski, *et al.*, 2017). Em outro estudo de Revisão Integrativa da Literatura foi analisado a inserção do uso de plantas medicinais na APS e resultou que a grande maioria dos participantes utilizava plantas medicinais diariamente, eram pessoas do sexo feminino, idosas, com baixa renda e escolaridade (Patrício, 2022). Percebe-se, portanto, que há uma grande utilização de plantas medicinais no tratamento de doenças na população em geral, mas principalmente nas pessoas mais idosas que carregam uma bagagem de tradições, vivências e saberes apreendidos de seus ascendentes. Fato corroborado com outras pesquisas que mostram que o conhecimento e uso terapêutico de plantas medicinais é usual na população idosa (Neri, Oliveira, Oliveira & Brito, 2018). Contudo, a divergência de estudos em relação à idade, pode estar relacionada ao estilo de vida permeado pelo estresse, ansiedade, rotina e carga horária de trabalho diário da população economicamente ativa que vem buscando nas plantas medicinais um tratamento alternativo (Alencar, *et al.*, 2021).

Em relação aos dados levantados sobre as partes das plantas medicinais utilizadas pelos participantes, o uso das folhas foi majoritário, provavelmente, pela facilidade no seu acesso e manuseio, havendo uma grande oferta na aquisição e, conseqüentemente, no consumo. A retirada das folhas das plantas medicinais propicia a conservação das plantas, a preservação dos princípios ativos, não prejudicando o ciclo botânico (Hurrel, 2018). Além disso, a preferência por folhas no emprego do preparo de medicamentos caseiros deve-se ao fato delas estarem disponíveis durante todas as estações do ano na grande maioria das plantas (Brito & Evangelista, 2020). Identificou-se que há uma diversidade no que se refere as formas de utilizações das plantas medicinais sendo o chá a mais prevalente relatada pelos usuários da unidade. Estudo de etnofarmacopeia corroborou com a utilização dos chás como preferência para o uso das plantas medicinais bem como em estudo

realizado com plantas do campo em um município do interior do Estado de São Paulo (Kruppek & Nedopetalski, 2020). Neste prisma, entende-se que os chás tem sido uma das formas mais praticadas entre as comunidades em diferentes regiões do Brasil (Silva, Marinho, Lucena & Costa, 2015). O lambedor teve destaque também sendo a segunda forma de maior utilização das plantas medicinais, estando em harmonia com pesquisas realizadas no interior do Ceará<sup>24</sup>. Percebeu-se, também, que os lambedores são utilizados em diversos ciclos da vida. Os chás utilizados como infusões e decocções, bem como lambedores, sucos, banhos, entre outras preparações são práticas alternativas utilizadas pelos participantes para cuidar e/ou recuperar a saúde (Castro, Bonilla, Pantoja, Mendes, Edson-Chaves & Lucena). Outra forma de utilização das plantas medicinais deu-se por meio de sucos, principalmente, maracujá (*Passiflora edulis Sims*), muito relatado pelos participantes como “calmante”. Tais achados são consonantes com a literatura, ao afirmar que o maracujá possui substâncias com atividade no sistema nervoso central, atuando como ansiolítico, sedativo e/ou anticonvulsivante (Lima, 2016). No entanto, outras formas de utilização também são citadas como, maceração, sumo, comprimido, pomada, lambedor, suco e *in natura* (Brasil, 2006).

Outro achado interessante destacado pelos participantes foi a forma de acesso às plantas medicinais, sendo o supermercado o local mais citado, estando disponíveis principalmente no formato de sachês. Segundo o Ministério da Saúde, as plantas medicinais podem estar disponíveis à população em apresentações diferentes, desde planta fresca, sachês para chá, tintura em várias concentrações, xarope, cápsulas, podas, elixires, cremes, dentre outras (Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica, 2021). Assim, os chás de saquinho são produtos industrializados que passam por uma série de legislações para confecção. Com isso, neles, as plantas medicinais são trituradas e ficam em pedaços muito pequenos e finos, tal processamento pode corroborar com mudanças oxidativas e evaporação dos óleos voláteis, aromáticos e vitaminas comumente encontradas nos chás naturais. Destarte, é importante também notar que mesmo sendo as folhas frescas alguns cuidados são cruciais, como o armazenamento das folhas/ervas para que não ocorra a oxidação (Campos, Magalhães, Silva, Freitas & Pessoa, 2019). O cultivo próprio foi uma prática destacada nas falas relatadas pelos usuários, percebendo-se que o cultivo de plantas medicinais e alimentares em si é uma prática promotora de saúde, que proporciona espaços para criação de hábitos saudáveis, em que a comunidade tem laços socioculturais com a mesma, além de produzirem seus próprios meios terapêuticos (Aguilar, Kanan & Masiero, 2020). Quanto ao conhecimento adquirido sobre o uso das plantas medicinais prevaleceu a tradição familiar, em muitos casos, aliada às crenças e saberes, as quais são passadas de pais para filhos, ou seja, há uma prática cultural de geração a geração, corroborando na promoção da saúde e bem-estar social, em busca de qualidade de vida (Freire, Barbosa, Costa, Santos & Santos, 2018). Ainda sendo o uso de plantas para fins terapêuticos uma cultura familiar, a Organização Mundial de Saúde (OMS) incentiva a prática da Medicina Tradicional de modo complementar no tratamento de doenças, seguindo adequadamente as instruções e indicações de uso repassadas por profissionais da saúde, pois quando comparado aos medicamentos alopáticos, os fitoterápicos possuem menor ocorrência de efeitos colaterais, baixo custo e maior adesão pela população (Vieira, Marconi & Leite, 2018).

Outro fator relatado pelos participantes deste estudo é terem recebido orientações de uso das plantas, por meio de profissionais como médicos, enfermeiros, farmacêuticos e nutricionistas, justificando a adesão pela confiabilidade no tratamento baseado em plantas medicinais por meio de um embasamento científico das propriedades fitoterápicas. Estudos apontam que os profissionais de saúde capacitados em fitoterapia no âmbito da Estratégia da Saúde da Família, sentem-se confortáveis na prescrição das terapias utilizando plantas medicinais na APS (Mattos, Camargo, Sousa & Zeni, 2018). Em sendo assim, destaca-se a importância dos processos formativos para sedimentar ainda mais a construção de novos conhecimentos para melhor atuação dos profissionais de saúde junto aos usuários, a fim de transformar os serviços de saúde em espaços de ensino-

aprendizagem, especialmente, em relação a utilização das plantas medicinais e dos fitoterápicos para fins terapêuticos, não devendo estar desvinculada da assistência à saúde ofertada aos usuários no âmbito da APS.

## CONCLUSÃO

O estudo reitera que os usuários conhecem o uso de plantas medicinais para o tratamento de doenças, principalmente os idosos, que mencionaram conhecê-las e utilizá-las frequentemente no seu cotidiano, prevalecendo a cultura familiar, o uso dos chás como infusões e decocções, sucos e lambedores, fazendo sua aquisição especialmente em supermercados. No entanto, ainda se evidenciou conhecimentos parcos em relação aos tipos e utilização adequada dessas plantas e fitoterápicos. Nesse ínterim, é importante resgatar mecanismos e ampliar o acesso às PNPIC, bem como promover capacitações para os profissionais da APS, com o objetivo de oferecer medidas de prevenção, tratamento e/ou cura, complementando às terapias tradicionais. Para isso, torna-se fundamental a efetiva implementação da PNPIC no SUS no âmbito da APS, com profissionais devidamente qualificados para melhor atender e orientar a população, a fim de contribuir significativamente para o sistema local de saúde. Percebeu-se, também, a necessidade de ampliar as pesquisas relacionadas às plantas medicinais e a oferta pelos governos municipal, estadual e federal de fitoterápicos, a fim de facilitar o acesso ao tratamento complementar aos usuários do SUS.

## REFERÊNCIAS

- Aguiar, J.; Kanan, L. A., Masiero, A. V. Integrative and Complementary Practices in basic health care: a bibliometric study of Brazilian production. *Saúde em Debate*, v. 43, p. 1205-1218, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4063/406369063019/movil/>.
- Alencar, Q. H. O., Oliveira, D. K., Santos, M. B., Manetti, C. L., Guevara, F. M., Florêncio, G. R. M., Silva, A. D., Buzin, G., Souza, L. P., Souza, I. D. S., Andrade, S. M., Ruths, J. C., Teixeira, K. N., (2021). Uso domiciliar de plantas medicinais por usuários dos serviços das Unidades Básicas de Saúde do município de Toledo, Paraná. *Rev Fitos*. Rio de Janeiro. 2021; 15(4): 494-507. e-ISSN 2446.4775. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/1120>.
- Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (2021). *Cha-de-saquinho-faz-tao-bem-quanto-o-de-folhas?* [Internet]. 2021. Disponível em: <https://abeso.org.br/cha-de-saquinho-faz-tao-bem-quanto-o-de-folhas/#:~:text=N%C3%A3o,peda%C3%A7os%20muito%20pequenos%20e%20fins os.>
- Bonfim, D. Y. G., Bandeira, M. A. M., Gomes, A. B., Brasil, A. R. L., Magalhães, K. N., & Sá, K. M. (2018). Diagnóstico situacional das farmácias vivas existentes no Estado do Ceará. *Journa lof Management & Primary Health Care* | ISSN 2179-6750, v. 9, 2018. Disponível em: <https://www.jmphc.com.br/jmphc/article/view/543>.
- Brasil. Ministério da Saúde (2008). *Portaria Interministerial nº 2.960, de 09 de dezembro de 2008*. Aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e cria o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Diário Oficial da União. Disponível em: [https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/programa\\_nacional\\_plantas\\_medicinais\\_fitoterapicos.pdf](https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf).
- Brasil. Ministério da Saúde. (2012). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 a. Diretrizes e Normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, n. 12, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.
- Brasil. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. (2006). *Portaria nº 971 de 03 de maio de 2006*. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: [https://www.cff.org.br/userfiles/38%20-%20BRASIL\\_%20MINIST%C3%89RIO%20DA%20SA%C3%9ADE\\_%20P ortaria%20n%C2%BA%20971,%20de%2003%20de%20maio%20de%202006\\_.pdf](https://www.cff.org.br/userfiles/38%20-%20BRASIL_%20MINIST%C3%89RIO%20DA%20SA%C3%9ADE_%20P ortaria%20n%C2%BA%20971,%20de%2003%20de%20maio%20de%202006_.pdf).
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. (2006). A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisas de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos. Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: [https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_fitoterapicos.pdf](https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf).
- Brito, A. A. (2013). Diagnóstico do uso e importância das plantas medicinais entre docentes e discentes do ensino médio do município de Brejo do Cruz-PB. 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/430?mode=full&locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/430?mode=full&locale=pt_BR).
- Brito, S. F., & Evangelista, A. W L. Plantas medicinais utilizadas na comunidade de Campo Preto, Arneiroz, Ceará. *Rev. Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*, v. 15, n. 4, p. 434-441, 2020. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/8170>.
- Campos, A. P., Magalhães, A. R. S., Silva M. C. P., Freitas, T. A., & Pessoa, C. V. (2019). Uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos: revisão de literatura. *Mostra Científica de Farmácia*. 2019; 6(1). ISSN 2358-9124. Disponível em: <https://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mostracientificafarmacia/article/view/3583>.
- Castro, M. A., Bonilla, O. H., Pantoja, L. D. M., Mendes, R. M. S., Edson-Chaves, B., & Lucena, M. P. (2021). Conhecimento etnobotânico dos alunos de Ensino Médio sobre plantas medicinais em Maranguape-Ceará. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 3, p. e8910313008-e8910313008, 2021. Disponível em: [https://redib.org/Record/oai\\_articulo3103271-conhecimento-etnobot%C3%A2nico-dos-alunos-de-ensino-m%C3%A9dio-sobre-plantas-medicinais-em-maranguape-cear%C3%A1](https://redib.org/Record/oai_articulo3103271-conhecimento-etnobot%C3%A2nico-dos-alunos-de-ensino-m%C3%A9dio-sobre-plantas-medicinais-em-maranguape-cear%C3%A1).
- Ceará. Governo do Estado (1999). *Lei nº 12.951, de 07.10.99*. Dispõe sobre a Política de Implantação da Fitoterapia em Saúde Pública no Estado do Ceará. Disponível em: <file:///C:/Users/Auricelio%20Bernardo/Downloads/LEIZNZ12.951ZZZ1999.pdf>.
- Coqueiro, A. Y.; Pereira, J. R. R.; Galante, F. (2016). Farinha da casca do fruto de *Passiflora edulis* f. *flavicarpa* Deg (maracujá-amarelo): do potencial terapêutico aos efeitos adversos. *Rev.Bras. de Plantas Medicinais*, v. 18, p. 563-569, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/Prkyqgsz87bFrKgfKPBnBdH/?lang=pt>.
- Cortez, L. C., & Jeukens M. M. F. (2017). Fitoterápicos na atenção primária à saúde: revisão da literatura. *Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo*. 2017;62(3):150-5. Disponível em: <https://arquivosmedicos.fcmsantacasasp.edu.br/index.php/AMSCSP/article/view/16>.
- Freire, C. J., Barbosa, L. R. S., Costa, J. G., Santos, R. G. A., & Santos, A. F. (2018). Fitoterapia em pediatria: a produção de saberes e práticas na Atenção Básica. *Rev. Bras. Enferm*. 71, p. 637-645, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/sfsPsrzhjJZnpQV3srSY4Fy/?lang=pt>.
- Hurrell, J. A. (2018). *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & clemants; Springer. Netherland. in: Medicinal and aromatic plants of south america : Brazil. Albuquerque, U. P., Patil, Umesh., & Máthé, Á.2018; 197-210. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/138211>.
- Krupek, R. A., & Nedopetalski, P. F. (2020). O uso de plantas medicinais pela população de União da Vitória-PR: o saber popular confrontado pelo conhecimento científico. *Arquivos do Mudi*, v. 24, n. 1, p. 50-67, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/51921>.
- Lima, E. (2016). Levantamento etnobotânico em área de cerrado: Restatando conhecimentos populares acerca de plantas medicinais do município de Chapadinha, Maranhão, Brasil. 2016. 38 f. *Monografia* (Graduação) – Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Maranhão, Chapadinha,

2016. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/930>.
- Magalhães, K. N. (2020). Plantas Medicinais da Caatinga do Nordeste Brasileiro. [livro eletrônico]: etnofarmacopeia do Professor Francisco José de Abreu Matos / Karla do Nascimento Magalhães, Mary Anne Medeiros Bandeira e Mirian Parente Monteiros. - Fortaleza: *Imprensa Universitária*, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/54867/1/2020\\_liv\\_knmagalhaes.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/54867/1/2020_liv_knmagalhaes.pdf).
- Mattos, G., Camargo, A., Sousa, C. A., & Zeni, A. L. B. (2018). Medicinal plants and herbal medicines in Primary Health Care: the perception of the professionals/Plantas medicinais e fitoterapicos na Atencao Primaria em Saude: percepcao dos profissionais. *Cienc. saude colet.*, v. 23, n. 11, p. 3735-3745, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Tymhc5zwFyHpb8DCWTcf4j/abstract/?lang=pt>.
- Moebus, R. L. N., Merhy, E. E. (2017). Genealogia da política nacional de práticas integrativas e complementares. *Saúde em Redes*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 145-152, 2017. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/887>.
- Moraes, E. F., Mezzomo, T. R., Oliveira, V. B. (2018). Conhecimento e uso de plantas medicinais por usuários de Unidades Básicas de Saúde na região de Colombo, PR. *Rev. Bras. Ciênc. Saúde*, 22(1), 57-64. <https://doi.org/10.22478/ufpb.2317-6032.2018v22n1.30038>.
- Neri, G. F., Oliveira, T. L., Oliveira, V. J. S., Brito, N. M. (2018). Uso de Plantas Medicinais nas Unidades de Saúde da Família do Alto Sobradinho e Cocão do Município de Santo Antônio de Jesus-BA. *Ens. e Ciên.* 2018; 22(1): 58-62. ISSN 1415-6938. Disponível em: <https://ensaioseciencia.pgsskroton.com.br/article/view/5461>.
- Organização Panamericana de Saúde (1978). *Declaração de Alma Ata*: Conferência Internacional sobre cuidados primários de saúde 6-12.set- 1978. Disponível em: [http://www.opas.org.br\(2020\)](http://www.opas.org.br(2020)).
- Patrício, K. P., Minato, A. C. S., Brolió, A. F., Lopes, M. A., Barros, G. R., Moraes, V., Barbosa, G. C., (2022). O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. 2022. *Ciênc. saúde coletiva*. 02 Fev 2022 .. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wzC3GWydBNNhpTX9kNWFGdk/>.
- Paula, T. (2019). *Técnicas de Amostragem*. Centro de Apoio à Pesquisa no Complexo de Saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAPCS/UERJ) 2019. Disponível em: <http://www.capcs.uerj.br/tecnicas-de-amostragem/>.
- Portelinha, M. K., Barbieri, R. L., Heck, R. M., Lima, A. R. A. & Lopes, C. V. (2017). Reinterpretando as plantas medicinais a partir do referencial yin-yang da Medicina Tradicional Chinesa. *Journal of Nursing and Health. (online)* 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/9225>.
- Silva, C. G., Marinho, G. V., Lucena, F. A., & Costa, G. M. (2015). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. *Rev. Bras. de Plantas Medicinais*, v. 17, p. 133-142, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/RbRthCYknMgyD7m5yRgXTfH/?lang=pt>.
- Szerwieski, L. L. D., Cortez, D. A. G., Bennemann, R. M., Silva, E. S., & Cortez, L. E. R. (2017). Uso de plantas medicinais por idosos da atenção primária. *Rev. Eletr. Enferm.* 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/42009>.
- Vieira, V. D., & Lucas M. S. L. (2018). O uso do conhecimento popular das plantas medicinais utilizadas pela comunidade no Nordeste. *Revista Temas em Saúde*. Ed. Especial-FIP, Joao Pessoa, 2018, p. 876-890, 2018. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/10/fip201855.pdf>.
- Vieira, V. D., Marconi, L., & Leite, S. (2018). O uso do conhecimento popular das plantas medicinais utilizadas pela comunidade no Nordeste. *Rev. Temas em Saúde*, Edição Especial-FIP, v. 2018, p. 876-890, 2018. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/10/fip201855.pdf>.
- Virgínio, T. B., Castro, K. S., Lima, A. L. A., Rocha, J. V., Bomfim, I. M., & Campos, A. R. (2018). Utilização de plantas medicinais por pacientes hipertensos e diabéticos: estudo transversal no nordeste brasileiro. *Rev. Bras. Prom. da Saúde*, v. 31, n. 4, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/8754>.

\*\*\*\*\*